

O CRESCIMENTO URBANO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA RECONFIGURAÇÃO DO BAIRRO DE CAMPO GRANDE, RIO DE JANEIRO.

PRISCILLA RODRIGUES FONSECA¹
SARAH LÚCIA ALVES FRANÇA²

Resumo

A pesquisa visa analisar a ocupação urbana do bairro de Campo Grande – Rio de Janeiro – e sua centralidade na Zona Oeste. A localização privilegiada devido às paisagens naturais, infraestrutura, áreas livres e uma economia dinâmica garantida pelo Distrito Industrial e subcentro, contribuíram para o desenvolvimento local. Contraditoriamente, produziram também desigualdades socioespaciais e problemas de infraestrutura. Desta forma, deseja-se observar as transformações de ordem socioespacial e econômica a fim de identificar além das limitações urbanas, fatores que têm garantido o crescimento populacional na região. O levantamento bibliográfico baseou-se em autores que estudam o fenômeno da centralidade e produção do espaço urbano, como Santos, Corrêa e Villaça. A investigação foi enriquecida com fotografias e informações obtidas em vários órgãos oficiais, como Prefeitura e IBGE.

Palavras-chave: desenvolvimento urbano, centralidade, economia, infraestrutura.

Abstract

The research aims to analyze the urban occupation in the neighborhood of Campo Grande – Rio de Janeiro – and its centrality in the west

area. The privileged location due to natural landscapes, infrastructure, open spaces and dynamics economy guaranteed by the Industrial District and sub-center contributed to the local development. Paradoxically, they also produced socio-spatial inequalities and infrastructure problems. Thus, want to observe the socio-spatial and economic transformations in order to identify urban limitations as well factors that ensured the population growth in the region. The literature review was based on authors who have studied the phenomenon of centrality and urban space production as Santos, Corrêa and Villaça. The investigation was enriched with photos and information obtained from various official agencies such as Municipality of Rio de Janeiro and IBGE.

Keywords: urban development, centrality, economy, infrastructure.

JEL: R14

Introdução

A urbanização acelerada tem como efeito a intensificação das desigualdades sociais, frutos de um

crescimento desorganizado e não-planejado da concentração da renda por uma pequena fatia da população. O urbano se expande, misturando-se cada vez mais aos seus vazios e áreas verdes, guardados pela especulação imobiliária. É a relação de diferentes atores sociais, que, explora áreas valorizadas, constrói infraestrutura e empurra trabalhadores pobres para franjas periféricas próximas às áreas de risco.

A soma dessas estratégias, públicas e privadas, configura um território segregado, a partir de eixos principais de acesso e práticas como a produção de *shoppings centers*, condomínios fechados e conjuntos habitacionais, situados distantes do centro principal, criando assim, novas centralidades (CORRÊA, 1999).

Essas rápidas e constantes transformações provocadas pelo Estado e pela indústria da construção civil levam a questionar a ocupação do espaço intraurbano, resultante da ação de diversos agentes que o consomem e o modificam. Esta é a segregação socioespacial balizada por grandes empreendimentos, como acontece no bairro de Campo Grande, no Rio de Janeiro, cuja

¹ Geógrafa - Universidade Federal Fluminense – UFF – RJ. priscillarf@id.uff.br

² Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense – UFF – RJ. sarahfranca@ig.com.br

apropriação surgiu a partir da densificação populacional, que passou a comandar a ocupação do solo e resultou na produção de espaços diferenciados e segregados.

O processo de crescimento urbano do bairro de Campo Grande

O bairro de Campo Grande está localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro e abriga 328.370 habitantes (IBGE, 2010), sendo o mais populoso da cidade (Figura 1). Sua área de grandes extensões, com 11.912,53 hectares e baixa densidade – 24,9 hab/ha – concentra 61,4% da XVIII Região Administrativa³ – RA – e participa da Área de Planejamento 5⁴ – AP5 – do Plano Diretor Municipal. Faz fronteira com nove bairros e com a cidade de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Com uma paisagem natural privilegiada, acolhe parte do Parque Estadual da Pedra Branca e o Parque Municipal da Serra do Gericinó-Mendanha.

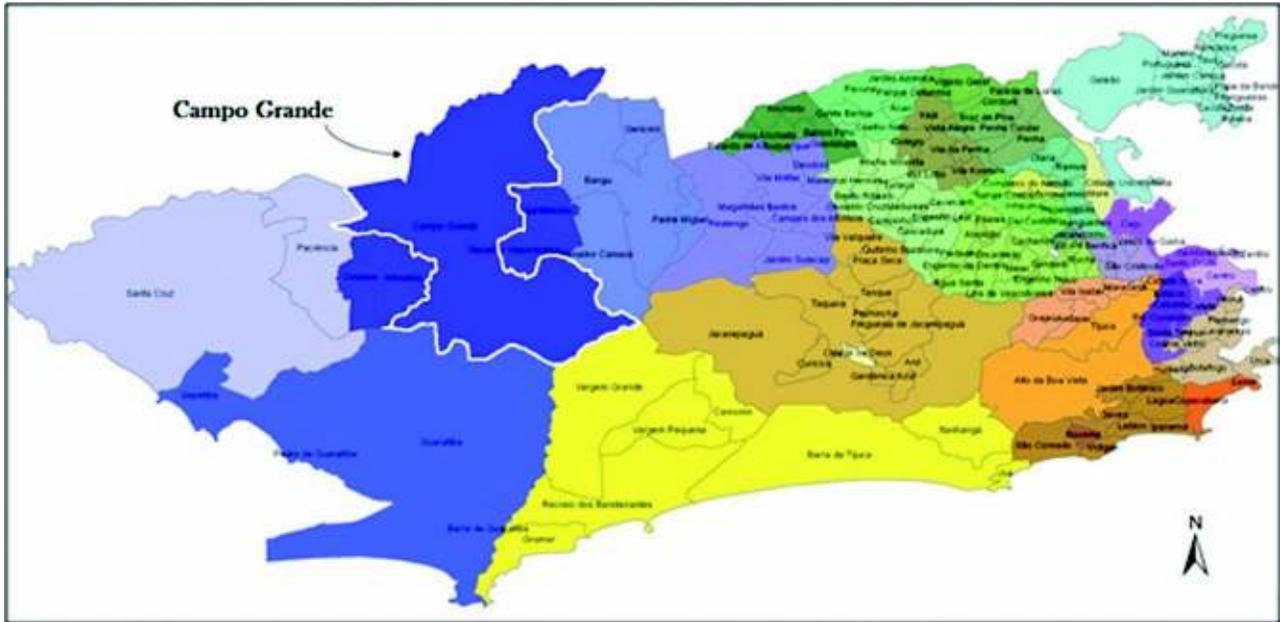


Figura 1 - Localização

Fonte: Instituto Pereira Passos, 2008.



Figuras 2 e 3 - Campo Grande (1930 e 1950) e a transição rural/urbano

Fonte: <oriodeantigamente.blogspot.com/2011/05/estacoes-ferroviarias-ramal-de.html>. Acesso em 10 jun. 2011 às 15:15 e IBGE, 1958.

urbanização se avoluma e a residência dos trabalhadores agrícolas é cada vez mais urbana” (2005, p.9).

Isso não foi diferente no Rio de Janeiro, quando as atividades produtivas se concentravam na área central, Zonas Sul e Norte, porém, a saturação urbana, a falta de espaço e o encarecimento do preço da terra motivaram a ocupação de grandes glebas vazias e baratas distantes destes locais, tendo início deste modo, a descentralização industrial do município (ABREU, 2006). A consolidação deste processo estreitou as

Nos anos 1940, uma urbanização cada vez mais intensa e presente dá-se com o crescimento demográfico nas cidades médias e grandes no Brasil. Santos define isso como “turbilhão demográfico”, quando “a

³ XVIII RA: Campo Grande, Inhoaíba, Senador Vasconcelos, Santíssimo e Cosmos.

⁴ AP5: composta pelas RA's de XVII Bangu (Bangu, Padre Miguel e Senador Camará), XVIII Campo Grande (Paciência, Santa Cruz e Sepe-tiba), XXVI Guaratiba (Guaratiba, Barra de Guaratiba e Pedra de Guaratiba) e XXXIII Realengo (Deodoro, Vila Militar, Campo dos Afonsos, Jardim Sulacap, Magalhães Bastos e Realengo).

Esta breve caracterização soma-se aos escassos trabalhos acadêmicos que tentam revelar Campo Grande como um espaço segregado na cidade do Rio de Janeiro ao mesmo tempo em que é uma importante centralidade na Zona Oeste, sendo esta segunda particularidade pouco conhecida pela população carioca. Corroborando com esta visão, sua configuração interna reflete a mesma lógica segregacionista socioespacial e econômica em relação ao município, com condições desproporcionais de habitação, transporte e atividades culturais disponíveis.

Fatores e problemas do crescimento urbano do bairro de Campo Grande

Colby⁸ (1932) *apud* Corrêa (1999, p.46) pontua alguns elementos importantes para o adensamento de uma área:

- a) terras não ocupadas, a baixo preço e impostos;
- b) infraestrutura implantada;
- c) facilidades de transporte;
- d) qualidades atrativas do sítio, como topografia e drenagem;
- e) possibilidade de controle do uso das terras;
- f) amenidades.

Baseada nestas propriedades, a Zona Oeste foi a última fronteira de expansão do capital imobiliário: a distância, a dificuldade de transportes coletivos adequados e a concentração das atividades produtivas no Centro, Zona Sul e Norte segregaram, de certa forma, a população de baixa renda nesta zona mais periférica da cidade. Entretanto, em meio à periferia, Campo Grande reuniu ao longo dos últimos anos, qualidades que Colby (*ibid.*) descreveu. Uma delas foi o baixo valor da terra, que atraiu indústrias em sua fase de descentralização. Hoje, os Distritos Industriais de Santa Cruz e Campo Grande juntos, formam 45% do PIB do Estado (IPP, 2003). Observam-se a geração de novos empregos, inclusive escolas técnicas direcionadas ao setor, que conseqüentemente

reúne em suas proximidades, uma ocupação residencial da classe trabalhadora.

O centro comercial de cada região precisa dispor de um conjunto de funções diversificadas que supram a necessidade local, pois é isto que estimula a atividade financeira, as relações sociais, a veiculação de in-

formações e inovações, e o incentivo para a chegada de mais serviços. O “calçadão” (Figura 5), como é mais conhecido, agrega além do comércio corriqueiro de um subcentro – lojas de roupas, farmácias, supermercados, papelarias, etc – serviços como dentistas, advogados, contadores, oftalmologistas, fotógrafos e bancários.



Figura 5 - “Calçadão” de Campo Grande

Fonte: SILVA, 2009.

A autonomia de Campo Grande referente ao setor terciário é notória. Seu subcentro une outros núcleos populacionais distantes da área central, que procuram ali escolas, entretenimento, transporte, atividades esportivas, advogados, escolas de dança, faculdades, laboratórios, produtos eletrônicos e atendimento médico particular e público. Especialmente no setor de saúde, o Hospital Estadual Rocha Faria localizado no perímetro do subcentro, atualmente atende grande parte da Zona Oeste, aliado à presença de duas Unidades de Pronto Atendimento – UPA – do Governo Federal e postos de saúde espalhados pelo bairro.

O dinamismo do subcentro comercial também interfere no campo financeiro quando se observa que o bairro ocupou o segundo lugar em arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços – ICMS – em 2008, com o número de R\$ 1.344.175.475,50, perdendo apenas para o Centro com R\$ 2.309.355.332,32 (ACICG, 2009).

Quanto à acessibilidade, fator importante para o espraiamento urbano (VILLAÇA, 2001), o bairro está ligado à cidade por meio de corredores de transporte de massa – Avenida Brasil e Ferrovia –, conta com eixos viários considerados estruturantes do Município com a Região Metropolitana⁹ –

⁹ Conforme o Plano Diretor Decenal, 1992. IPP, 2005.

Avenida Brasil, BR-101, Avenida das Américas e Estrada Rio-São Paulo – e concentra os fluxos de transporte rodoviário da região.

A distância entre a área central e Campo Grande – cerca de 50 km – requer melhores condições de deslocamento e é dificultada pela pequena frota de ônibus, quando comparada a de outras regiões¹⁰. No intuito de proporcionar mais conforto aos passageiros, algumas linhas chegam a cobrar R\$ 11,00 neste trajeto. Esta dificuldade de mobilidade com frotas escassas e mal equipadas, somadas às grandes distâncias contribuem para a ampliação dos serviços de baixa qualidade e para a informalidade (LAGO, 2007).

As linhas de ônibus conectam o bairro à vizinhança, Centro e Zona Norte, com apenas uma opção de trajeto para a Zona Sul. São encontradas algumas linhas intermunicipais (Alcântara, Petrópolis, Volta Redonda, Barra Mansa, Piraí, Angra dos Reis, Itaperuna, Cabo Frio e Nova Friburgo) e uma interestadual (São Paulo). Também vale ressaltar que na rua Campo Grande e perpendiculares, a alguns metros do Terminal Rodoviário, vários pontos finais de ônibus fazem ligação do bairro com Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Nilópolis, Itaguaí, Mangaratiba e Seropédica (Figura 6 e 7).

Ainda que existam outros tipos de transporte que favoreçam a conexão entre as diversas regiões do município e do bairro, como o ferroviário e o alternativo (*vans* e *kombis*), a oferta desses serviços apresenta-se em condições precárias, sem proporcionar o mínimo de segurança aos seus usuários. Os trens não comportam a grande quantidade de passageiros, enquanto o segundo, mesmo oferecendo qualidade duvidosa, é necessário devido à escassez do transporte regular.

Apesar da grave situação do transporte público em Campo Grande, observa-se que os bairros ao redor, com exceção de Bangu, estão munidos de opções ainda piores. Simultaneamente a estas complicações,



Figuras 6 e 7 - Pontos finais da Rua Campo Grande e Terminal Rodoviário

Fonte: ANTUNES, 2009.

a classe média/alta ali residente realiza seus deslocamentos até os locais de trabalho em veículos próprios.

Após a chegada do *West Shopping*, o tráfego sofreu alterações consideráveis, acentuando-se nos últimos anos. Mesmo com a melhoria das estradas no entorno, como a construção do Viaduto da Avenida Cesário de Melo, os moradores ainda reclamam do fluxo intenso de automóveis. Um fator agravante é que, segundo o *Jornal O Globo*¹¹, Campo Grande conta com a terceira maior frota de veículos da cidade, ratificando a precariedade do transporte público pela lógica de facilidade no deslocamento individual. É importante ressaltar também, que as linhas de *vans* e *kombis* prejudicam a fluidez do trânsito, já que seus motoristas, em busca de passageiros, não respeitam os pontos de ônibus, além de ultrapassar sinais ou trafegar lentamente à espera de mais clientes.

A gestão municipal também deu início à construção da TransOeste, um corredor expresso que ligará a Barra da Tijuca à Campo Grande e Santa Cruz, e facilitará a vida daqueles que, diariamente fazem este percurso por reduzir o tempo de trajeto. É uma estratégia que atende às exigências das Olimpíadas de 2016. Villaça mostra que essas vias despertaram o interesse imobiliário

das camadas de mais alta renda por determinada região e direção de crescimento da metrópole. O sistema viário urbano que atende a essa região e direção começa a passar por sucessivas melhorias que se articulam, em bola de neve, com a concentração de tais camadas (2001, p. 318).

Dando continuidade à contribuição nas melhorias de acessibilidade, encontra-se em fase de implantação, o Arco Metropolitano executado em cooperação entre o Governo do Estado e o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes – DNIT. O projeto tem a pretensão de ligar o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro – COMPERJ – em Itaboraí ao Porto de Itaguaí. Isso acarreta benefícios indiretos ao bairro em questão, ao desobstruir o intenso tráfego de caminhões na Avenida Brasil e proporcionar o crescimento do Distrito Industrial da região, consequentemente trazendo progressos à economia.

É pertinente afirmar, portanto, que o crescimento urbano tem sido patrocinado pelo Estado, especialmente pela abertura de grandes eixos viários, como avenidas e/ou rodovias, que permitiram o fácil acesso da população. A circulação dos meios de transporte vem contribuir para ocupação de espaços distantes do centro urbano.

¹⁰ Em 2004 a RA Campo Grande apresentava uma frota de 1.259, RA Méier: 2.119, Copacabana: 1.338 e RA Madureira: 2.888 (Engevista, 2004). Para breve verificação da extensão territorial dos bairros, observar Figura 1, p.4.

¹¹ 21 mar. 2008.

Os empreendimentos imobiliários e a expansão do bairro de Campo Grande

De grande importância para a expansão do bairro, o *West Shopping* veio atrair grandes empreendimentos imobiliários no seu entorno, para grupos de renda média e alta. Seu sucesso é comprovado através do elevado número de vendas, que após cinco anos da sua inauguração, já ultrapassavam dez milhões de reais mensais, com um público médio de um milhão e meio de pessoas/mês¹² (Figura 8).

Por sua vez, a circunvizinhança rapidamente recebeu os impactos positivos, como a duplicação da Estrada da Posse e da Estrada do Mendanha – vias de acesso ao *shopping*, centro comercial do bairro e Avenida Brasil – juntamente às novas linhas de ônibus. Quanto à questão da infraestrutura, ficaram visíveis melhorias na iluminação pública, no saneamento e melhor qualidade e quantidade de serviços, como agências bancárias, lojas diversificadas, estacionamento, clínicas e restaurantes no entorno da construção.

Maricato revela que as transformações dessas áreas são conduzidas pelo Estado, em parceria com a indústria de construção civil, que irão criar novas locais que sirvam à lógica do capital. Neste sentido, “o impulso que leva à produção de shoppings centers, hipermercados e as cidades novas é a tentativa do capital de produzir e transformar as localizações em mercadorias” (2009, p. 72).

A chegada desses novos elementos resultou na ampliação da mancha urbana intensificada pelo adensamento de uma nova classe atraída por estas construções valorizadas do solo. Como consequência, o próprio núcleo central de Campo Grande foi fortalecido com mais lojas e serviços não encontrados no *shopping*, como consultórios médicos, laboratórios e escritórios.

Para reforçar e valorizar ainda mais o bairro, o grupo Multiplan anunciou a construção de outro *shopping* na Estrada do Monteiro, do lado oposto ao núcleo de expansão



Figura 8 - West Shopping

Fonte: <skyscrapercity.com/showthread.php?t=9204496> Acesso em 15 set. 2010 às 21:05.

daquele primeiro. O **megaempreendimento terá como público alvo as classes B e C, e tem como uma das justificativas para construção** a preparação da cidade para eventos futuros, tais como Copa do Mundo e Olimpíadas (Valor on-line¹³).

Como já dito anteriormente, o setor público chegou a construir conjuntos habitacionais no bairro e proximidades, mas o capital imobiliário não havia investido fortemente na região. A partir da chegada da classe média, o setor então, encontra condições favoráveis à sua produção, visto também que a região já apresentava razoável infraestrutura e muitas áreas adensáveis ao mercado. A partir dos fatores expostos até o momento, é possível notar a reconfiguração socioespacial que o bairro vem sofrendo principalmente pelas intervenções deste mercado.

Edifícios comerciais têm sido lançados como o *Plaza Office* (Figura 9), *Conjunto Mont Blanc*, *CampoGrande Office & Mall* e *Medical Center*. Tem havido uma procura cada vez maior de empresas variadas, tais como lojas de departamento, clínicas, laboratórios, imobiliárias, concessionárias de carros importados, centros de estética, etc, visando atingir o público diferenciado da região. Dados de pesquisas do Instituto Brasileiro de Administração Municipal – IBAM – em 2008 mostram a localidade como oitava no ranking de bairros cariocas que apresentam maior quantidade de salas comerciais e a terceira em lojas. A RA de Campo Grande empregou, em 2005, cerca de cento e quarenta mil pessoas (143.987), o que equivale ao sétimo lugar das RA's, segundo Pesquisa Mensal de Emprego (IBGE, 2005).

¹² Revista ISTO É - Concreta visão: West Plaza é inaugurado, vencendo ceticismo inicial - São Paulo, 8 mai. 2001.

¹³ Paola de Moura, 7 mai. 2010. Disponível em <www.valoronline.com.br/impreso/empresas/102/117343/multiplan-investe-em-empreendimentos-multiuso> Acesso em 21 nov. 2010.



Figura 9 - Plaza Office

Fonte: <www.slideshare.net/Lancamentosrj/plaza-office-salas-comerciais-em-campo-grande-presentatio> Acesso em 12 nov. 2010 às 14h.

Em 2008, Campo Grande ocupou o terceiro lugar, com 10% do total de lançamentos imobiliários na cidade, perdendo somente para Barra da Tijuca (39%) e Jacarépaguá (19%)¹⁴. Já em 2009, reuniu o maior número de imóveis novos com quase três mil moradias (2.625), superando a Barra da Tijuca¹⁵. A maioria dos compradores atuais já era residente do bairro, conforme o estudo realizado pela construtora CHL.

De acordo com a ADEMI – Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário – a demanda por imóveis mais caros é especialmente de funcionários públicos e policiais, e uma parcela menor é oriunda de bairros vizinhos. Estes compradores são atraídos por imóveis que tenham certas vantagens como áreas de lazer com piscinas, salão de festas, salão de jogos, churrasqueira, academia, etc.

Juntamente com a onda de novos empreendimentos para classe média/alta, políticas de moradia popular têm estado presentes. Alguns conjuntos habitacionais vêm sendo implantados em várias porções do bairro, como na Estrada João de Melo, próximo ao *West Shopping*. Estes fazem parte do Programa de Arrendamento Residencial – PAR – uma parceria entre Prefeitura do Rio e Caixa Econômica Federal, que

oferecem apartamentos avaliados em quarenta mil reais, voltados para famílias com renda entre R\$ 1.200 e R\$ 1.800¹⁶.

Outro programa de financiamento de imóveis do Governo Federal – Minha Casa Minha Vida – tem atuado amplamente na região, voltado para a classe baixa e média, com renda máxima de dez salários mínimos. Apartamentos e casas têm sido adquiridos por essa população em regiões localizadas na Estrada do Magarça, Olinda Elis, Cesário de Melo e Estrada Rio-São Paulo.

É possível identificar a ampliação de setores médios em Campo Grande e a diversidade da oferta imobiliária. É importante também mencionar que atraídos pelo apelativo discurso do *marketing* imobiliário, a exemplo

do primeiro condomínio ecológico de Campo Grande – *EcoWay* –, os grupos sociais mais elevados tendem à escolher conjuntos residenciais fechados, em busca de melhores condições de vida, incentivando assim, a segregação espacial. As estratégias, discutidas por Harvey, influenciam os futuros moradores, pois tem sido focadas na paisagem, na qualidade de vida, valorização do espaço, na inovação cultural e na elevação da qualidade do meio urbano (inclusive a adoção de estilos pós-modernistas de arquitetura e de desenho urbano), nos atrativos do consumo [...], entretenimento (organização de espetáculos urbanos temporários ou permanentes) (1996, p.54).

Os encantos naturais de Campo Grande são estimuladores. De acordo com Villaça “os atrativos do sítio natural têm contribuído [como] importante fator de atração da expansão urbana” (2001, p. 107). O bairro conta com 26% de área verde em relação à sua extensão total (SMAC, 2001), significando boa condição para atrair uma população em busca de qualidade de vida, como afirma Lefebvre (2008). Estes privilégios, como a qualidade do ar, proximidade do verde e tranquilidade são aproveitados como fontes de lucratividade para o mercado imobiliário (Figuras 10 e 11). O verde presente em toda a região cercada pela Serra do Mendanha e Pico da Pedra Branca é grande potência para o turismo ecológico¹⁷, além da relativa proximidade com a orla marítima de Guaratiba e Barra de Guaratiba e suas atividades pesqueiras e gastronômicas.

¹⁴ Disponível em <ademi.webtexto.com.br/article.php3?id_article=29575> Acesso em 3 jun. 2011 às 20:50.

¹⁵ Disponível em <oglobo.globo.com/economia/morarbem/mat/2010/01/19/campo-grande-concentrou-maior-numero-de-lancamentos-residenciais-em-2009-segundo-pesquisa-da-ademi-915560887.asp> Acesso em 3 jun. 2011 às 20:42.

¹⁶ Disponível em <www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=1018102> Acesso em 10 fev. 2011 às 16:19.

¹⁷ Encontra-se na região uma infinidade de áreas ecológicas com florestas, trilhas, piscinas naturais, cachoeiras, sítios arqueológicos e mirantes. Alguns são: Travessia Serra do Medanha, Travessia Rio da Prata, Vale da Caixa D’Água, Travessia Morro do Lameirão, Pedra do Carvalho, Vale da Virgem Maria, Morro dos Caboclos, Morro do Cabuçu, Maciço de Gericinó-Medanha e o Pico da Pedra Branca, que possui o cume mais alto da cidade – 1.025m – (disponível em <www.lojaseservicoscg.com.br/site/%28tsmx2wfgwgm1zjazj3kft%29/site/indexInst.aspx?acao=prod&id=152768&usuid=9931&conteudo=Campo%20Grande> Acesso em 19 mai. 2011 às 14h.



Figuras 10 e 11 - Pico da Pedra Branca e Serra Gericinó-Mendanha vistos do subcentro

Fonte: <www.flickr.com/photos/suleroy_brasil/2284607761> e <www.flickr.com/photos/suleroy_brasil/2293116430>. Acessos em 10 jun. 2011 às 15:30.

Vê-se aí o processo de segregação socioespacial, quando as camadas de maior renda passam a buscar melhores condições de moradia, conforto e comodidade. Isso vem acirrar as desigualdades da ocupação dos espaços e a auto-segregação dos grupos menos abastados na reprodução da moradia, empurrados cada vez mais para áreas periféricas, com limitações da estrutura urbana (CORRÊA, 1999). As grandes extensões do objeto de estudo propiciam, de certa forma, a proliferação de diferentes tipologias de imóveis e de ocupação, já que na mesma região encontra-se a incidência de grandes empreendimentos imobiliários, favelas e loteamentos irregulares carentes. Como pode garantir Corrêa, "os processos e formas espaciais não são excludentes entre si, podendo ocorrer simultaneamente na mesma cidade ou no mesmo bairro (...) pode-se afirmar que os processos espaciais são complementares entre si" (1999, p.37). Portanto, nenhum lugar no contexto metropolitano apresenta características homogêneas.

Os contrastes sociais de Campo Grande no contexto municipal

O recente crescimento de Campo Grande não exclui problemas estruturais atrelados ao fato de estar inserido em uma região periférica da cidade. Para Lefebvre (2008), as centralidades urbanas são cheias de

rupturas e continuidades, diferenças e identificações, aproximações e embates entre os grupos. Neste sentido, encara-se Campo Grande como centralidade das periferias e periferia do município.

Uma pesquisa feita pelo Observatório de Metrôpoles, em 2005 categorizou socioespacialmente a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, e dentre as diversas classificações¹⁸, Campo Grande foi considerado de contraste com seu entorno. Porquanto se caracteriza de perfil de "tipo médio", embora esteja localizado em uma vizinhança de perfil "popular operário", sendo assim, um diferencial na região (NACIF & ANTUNES, 2010).

Ratificando a informação supracitada, comparou-se a renda média de alguns bairros da Zona Oeste¹⁹ com a do Rio de Janeiro. O resultado confirmou a posição periférica da região, visto que os bairros observados atigiram a média de três salários mínimos – s.m. – enquanto a cidade alcançou o valor de seis s.m. Campo Grande no entanto, apresentou a melhor renda entre estes bairros: aproximadamente quatro s.m.²⁰ (SME, 2000) e mais 10% de sua população têm rendimentos superiores a dez s.m. (MACEDO, 2002). O bairro não oferece empregos com salários elevados, de acordo com a tabela abaixo, verifica-se a abundância de empregos com baixa qualificação.

Tabela 1 – Empregos oferecidos em Campo Grande por salário mínimo

< 3 s.m.	3 a 5 s.m.	5 a 10 s.m.	> 10 s.m.	Total ²¹
37.218	4.929	2.280	726	45.630

Fonte: La Rovere, 2009.

Esta discrepância socioeconômica diversifica a oferta por moradia, onde os mais pobres ocupam espaços desvalorizados, enquanto os mais abastados buscam imóveis de alto padrão, localizados em regiões com melhor

¹⁸ Superior; Superior Médio; Médio; Médio Inferior; Popular, Popular Operário, Popular Agrícola e Popular Inferior.

¹⁹ Barra de Guaratiba, Campo Grande, Cosmos, Guaratiba, Inhoaíba, Paciência, Pedra de Guaratiba, Santa Cruz, Santíssimo, Senador Vasconcelos e Sepetiba

²⁰ Em 2000, o salário mínimo era de R\$ 151,00.

²¹ 477 tiveram seus valores ignorados.

“

Não se pode deixar de considerar que o Centro e Copacabana, particularmente, já possuem tradição em roteiros turísticos da cidade, e por isso, recebem continuamente investimentos no âmbito cultural. No entanto, há de se ressaltar que as dimensões....

”

infraestrutura e conforto. No bairro em estudo, percebe-se que, apesar do avanço da classe média, ainda há produção de casas em loteamentos irregulares e favelas, além dos vários lançamentos de conjuntos habitacionais, complexificando a dinâmica urbana interna.

Salienta-se também o reconhecimento de um subcentro pelas possibilidades de atrações culturais e de lazer que ele oferece, por ser o local mais próximo da vida cotidiana da população (DUARTE, 1974). Estes índices podem revelar a qualidade de infraestrutura implantada para atender aos habitantes e o real interesse público em investimentos neste setor. Fazendo uma comparação entre algumas RA's, pode-se avaliar que Campo Grande oferece poucas atrações culturais para seus moradores (Tabela 2).

Os museus e centros culturais localizam-se desigualmente no território carioca, com destaque para as Regiões Administrativas de Copaca-

Tabela 2 - Atividades culturais por RA

RA's	Museus	Centros Culturais	Salas de Cinema	Teatros e Salas de Espetáculos
Barra da Tijuca	1	13	48	9
Campo Grande	-	-	6	3
Centro	37	13	7	32
Copacabana	1	23	4	14
Méier	4	-	-	4
Total na cidade	89	76	178	133

Fonte: Armazém de Dados, 2000.

bana, Barra da Tijuca e Centro, desta forma, a população campograndense não conta com nenhum destes equipamentos. Dos teatros e salas de espetáculo, apenas três encontram-se na RA de Campo Grande, enquanto as RA's supracitadas gozam de muito mais destes aparatos. Contudo, as salas de cinema, apesar de também distribuídas de maneira a concentrar sua atuação na Barra da Tijuca, estão presentes em quase todas as RA's.

Não se pode deixar de considerar que o Centro e Copacabana, particularmente, já possuem tradição em roteiros turísticos da cidade, e por isso, recebem continuamente investimentos no âmbito cultural. No entanto, há de se ressaltar que as dimensões territoriais e populacionais de Campo Grande deveriam ser motivos para investir-se na região, pretendendo-se uma maior igualdade na distribuição de cultura pelo município. Há vários anos, os dois únicos teatros²² do bairro não recebem reformas. Como exceção à regra, o Centro Esportivo Miécimo da Silva, único complexo bem equipado e conservado da região, foi palco do Pan-Americano em 2007 e certamente fará parte das Olimpíadas de 2016.

De certo é possível notar as diferenciações internas que agregam valor a porções específicas do bairro e excluem os mais pobres das mesmas possibilidades de infraestrutura e moradia, como também o idêntico processo é vivido pelo bairro no contexto municipal, ao passo que mesmo diante do enorme contingente demográfico e dimensões geográficas, a população campograndense encontra restrições quanto ao acesso a transporte público de qualidade, empregos com salários elevados próximos ao local de moradia e atividades culturais.

Acredita-se que a centralidade do bairro para a Zona Oeste já começou a ser reconhecida pelo município. Os primeiros passos podem ser vistos através do investimento em conjuntos habitacionais para melhorar a qualidade de vida dos moradores e da chegada de trabalhadores qualificados para as indústrias na circunvizinhança, como é o caso da ThyssenKrupp CSA, que buscam moradia em Campo Grande. Os cursos técnicos têm crescido e as obras viárias em andamento sinalizam que este reconhecimento está ganhando maiores proporções.

²² Lona Cultural Elza Osborne e Teatro Arthur Azevedo.

“
Ao longo do trabalho foram apresentadas as grandes necessidades e os projetos do poder público para trazer melhorias à região. Sendo assim, acredita-se que os próximos acontecimentos contribuam para um razoável progresso do cenário exposto nesta pesquisa...”

Desta maneira, deseja-se aqui, reforçar o crescimento urbano de Campo Grande e sua centralidade na periferia, bem como os problemas que sua posição segregada da cidade reproduzem, além de identificar as vocações e potencialidades capazes de favorecer ainda mais o desenvolvimento do bairro no contexto metropolitano.

Considerações finais

As centralizações e descentralizações assinalam a realidade das cidades contemporâneas. Fato semelhante vivenciou a cidade do Rio de Janeiro. A instabilidade financeira que atingiu a cidade nos anos 1980 acabou por afetar a classe média que precisou buscar novas possibilidades de moradia. A Zona Oeste então se tornava a última fronteira de expansão para a população carioca. O Distrito Industrial, já instalado com grandes empresas, indicava o crescimento da área desde a década anterior. A demanda por moradia in-

centivou o setor imobiliário a investir na região e com isso, o subcentro foi ganhando estímulo para o desenvolvimento. A economia local tem fôlego para dinamizar-se ainda mais e favorecer novas oportunidades de emprego.

A chegada do *West Shopping* ratificou a centralidade do bairro em meio a porções tão segregadas da cidade, e embora suas próprias deficiências sejam compartilhadas com a vizinhança, Campo Grande ainda oferece as melhores condições de moradia, serviços e transportes, colaborando para o seu reconhecimento como espaço agregador dos segregados.

Ao longo do trabalho foram apresentadas as grandes necessidades e os projetos do poder público para trazer melhorias à região. Sendo assim, acredita-se que os próximos acontecimentos contribuam para um razoável progresso do cenário exposto nesta pesquisa, não só para população campograndense, como para toda Zona Oeste, tais como a construção da TransOeste e do Arco Metropolitano, além do novo *shopping* e iniciativas governamentais de financiamento habitacional, a fim de facilitar a obtenção da casa própria.

As vocações naturais que fazem de Campo Grande um lugar com tantas peculiaridades reforçam a atuação do mercado imobiliário. Aspectos positivos são encontrados, tais como áreas disponíveis para edificação, baixa densidade demográfica, meio ambiente privilegiado com ênfase no ecoturismo e proximidade com praias e atividades pesqueiras relativas a bairros vizinhos.

Por fim a produção de desigualdades socioespaciais internas de valorização assinaladas pelo capital imobiliário gera impossibilidades de moradia aos mais pobres e transforma, como apontado por Pacheco (1999), porções do bairro em “*ilhas de prosperidade*”, com privilégios naturais, diversificações comerciais e acessibilidade facilitada, trazendo para o contexto local, a mesma segregação que enfrenta no município.

O crescimento da classe média, embora subsidie melhorias e investimentos em função de uma demanda com exigências diferenciadas, não implica necessariamente avanço da qualidade de vida para a população de baixa renda. Pelo contrário, tem inaugurado um novo processo de exclusão em áreas já periféricas.

Por conta da dinamicidade deste processo, considera-se fundamental o aprofundamento dos estudos sobre os movimentos de expansão e desenvolvimento desta, uma das áreas que mais cresce na cidade do Rio de Janeiro. O que aqui se apresentou serve de subsídio para discussões e investigações mais sistemáticas, e como fonte para o surgimento de novos problemas e abordagens.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana no Rio de Janeiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: IPP, 2006. 156p.

ACICG. Associação Comercial e Indústria de Campo Grande. Disponível em <www.acicg.org.br> Acesso em 12 set. 2010 às 21:45.

ADEMI- Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário. Disponível em <ademi.webtexto.com.br> Acesso em 4 mar. 2011.

ANTUNES, Gisele Teixeira. **Mudanças no espaço metropolitano: novas centralidades e dinâmicas espaciais no bairro de Campo Grande – Zona Oeste e municípios vizinhos**. 2009. 65 p. Dissertação (Licenciatura em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2009.

ARMAZÉM DE DADOS, Evolução da População de Favelas na Cidade do Rio de Janeiro: uma Reflexão sobre os Dados mais Recentes. **Coleção de Estudos Cariocas**, n. 20020201, 2002. 15p. Disponível em <<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudosariocas>> Acesso em 1 mai. 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999. 85 p.

DAMAS, Eduardo Tavares. **Distritos Industriais da Cidade do Rio De Janeiro: Gênese e Desenvolvimento no Bojo do Espaço Industrial Carioca**. 2008. 144p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2008.

DUARTE, Haidine da Silva Barros. **A Cidade do Rio de Janeiro: Descentralização das Atividades Terciárias. Os Centros Funcionais**. Revista Brasileira de Geografia, ano 36, n.1, 1974.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 6 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

IBAM. Instituto Brasileiro de Administração Municipal. **Serviços de apoio à elaboração de estudo de viabilidade econômico-financeira do Plano Geral de Revitalização da Região Central do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2008.

IBGE, 1958. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**, v. 6, 410 p.

_____. Disponível em <www.ibge.gov.br/home>. Acesso em 5 out. 2011 às 18:37.

IPP - INSTITUTO MUNICIPAL DE URBANISMO PEREIRA PASSOS. Disponível em <portalgeo.rio.rj.gov.br/indice/flanali.p?codaut=678&aut=INSTITUTO%20MUNICIPAL%20DE%20URBANISMO%20PEREIRA%20PASSOS%20-%20IPP/DIG> Acesso em 21 nov. 2010.

LAGO, Luciana Corrêa do. **Desigualdades e Segregação na Metrópole: o Rio de Janeiro em Tempo de Crise**. Rio de Janeiro: Revan: Fase: 2000. 240 p.

_____. Trabalho, moradia e (i) mobilidade espacial na metrópole do Rio de Janeiro. **Cadernos Metropole**, n.18, 2007.

LA ROVERE, Renata Lèbre, 2009. **Desenvolvimento Econômico Local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e de seu Entorno: diagnóstico sócio econômico do local**. Projeto FAPERJ: Instituto de Economia UFRJ, 2009. 118 p.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008 [1968].

LEMOS, Diana Scabelo C. P. S, SANTOS; Márcio Peixoto de Sequeira; PORTUGAL, Licínio da Silva. **Análises das relações existentes entre acessibilidade, mobilidade e desenvolvimento urbano: o caso da cidade do RJ**. 2004. Tese (M. Sc. Engenharia de transporte) COPPE/UFRJ. *ENGEVISTA*, v. 6, n. 3, 2004.

MACEDO, Andréia Pereira de. **Produção Imobiliária e Segregação na Periferia do Rio de Janeiro: o bairro de Campo Grande**. 2002. 156 p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

MARICATO, Ermínia. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias: Planejamento Urbano no Brasil *In*: ARANTES; Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 5.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NACIF, Cristina Lontra e ANTUNES, Gisele Teixeira. Centro funcional de Campo Grande no início do século XXI: Centralidade Renovada ou Periférica? **Cadernos Metrópole**. n. 23, p. 294, 2010.

PACHECO, C. A. **Novos Padrões de Localização Industrial? Tendências Recentes dos Indicadores da Produção e do Investimento Industrial**. Brasília: IPEA, Texto para discussão n. 633, 38 p. 1999.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. 5.ed, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SILVA, Vânia Regina da. **Examinando os Processos de Segregação e Descentralização através do Transporte Público na Cidade do Rio de Janeiro - o exemplo de Campo Grande-RJ, 1999-2009**. 2009. 133 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – PUC - RJ, Rio de Janeiro, 2009.

SMAC - SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE. Disponível em: <www0.rio.rj.gov.br/smac> Acesso em 28 set. 2011.

SME - SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Atlas Escolar da Cidade do Rio de Janeiro**, 2000.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Estudio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

WEST SHOPPING. Disponível em: <www.westshopping.com.br> Acesso em 15 nov. 2010.

SLIDESHARE. Disponível em: <www.slideshare.net/Lancamentosrj/plaza-office-salas-comerciais-em-campo-grande-presentation> Acesso em 15 nov. 2010.

SKYSCRAPER CITY. Disponível em: <www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=602241> Acesso em 03 jun. 2011.

EVEN. Disponível em: <www.evencomercial.com.br/conteudo/index.asp> Acesso em 03 jun. 2011.

WEST MEDICAL CENTER. Disponível em: <www.westmedicalcenter.com.br> Acesso em 15 nov. 2010.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Esportes e Lazer. **Centro Esportivo Miécimo da Silva**. Disponível em: <www.rio.rj.gov.br/web/smel/exibeconteudo?article-id=106752> Acesso em 10 nov. 2010.